

CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO AFETIVO DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

CONTRIBUTION OF FAIRY TALES IN THE AFFECTIVE DEVELOPMENT OF CHILDREN IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Bruna Henrique de Freitas¹

Richarles Souza de Carvalho²

RESUMO: O artigo aborda os contos de fadas e o desenvolvimento afetivo das crianças, trazendo a importância do contato com os livros desde cedo. Esse contato pode ser feito por meio da leitura ou da contação de histórias no ambiente familiar ou no ambiente escolar. Assim, o objetivo principal foi analisar a possível contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento afetivo da criança. Para realizar esta pesquisa foi feita uma análise de caráter bibliográfico de três contos de fadas, *Chapeuzinho vermelho*, *João e Maria* e *A Pequena Sereia*. Utilizando como base teórica os autores Abramovich (1997), Bettelheim (1985), Coelho (1987) e Parreiras (2009). Por meio do referencial teórico, foi abordado como surgiu o conto de fadas, inicialmente, por tradição oral, passada de geração para geração e sua conceituação baseada nas ideias dos autores. Foi possível perceber por meio da análise dos contos que são muitas as contribuições no desenvolvimento afetivo, destacando a sua função terapêutica e o auxílio nos conflitos presentes nas histórias e vividos pelas crianças.

PALAVRAS CHAVE: Literatura Infantil. Contos de fadas. Desenvolvimento afetivo. Criança.

ABSTRACT: The article deals with fairy tales and affective development of children, bringing the importance of contact with books from an early age. This contact can be made by reading or storytelling in the home or school environment. Thus, the main objective was to analyze the possible of fairy tales contributing to the child's affective development. To perform this research was made a bibliographical analysis of three fairy tales, Little Red Riding Hood, John and Mary and The Little Mermaid. Using as theoretical basis the authors Abramovich (1997), Bettelheim (1985), Coelho (1987) and Parreiras (2009). Through the theoretical framework, it was approached how the fairy tale arose, initially by oral tradition, passed from generation to generation and its conceptualization based on the ideas of the authors. It was possible to realize through the analysis of tales that there are many contributions to affective development, highlighting its therapeutic function and the help in conflicts present in the stories and lived by the children.

¹ Graduada em Pedagogia da UNESC. E-mail: bubuhenrique02.bh@gmail.com

² Licenciado em Letras Português/Inglês. Doutor em Ciências da Linguagem. Docente dos cursos de Letras e Pedagogia da UNESC. E-mail: rsc@unesc.net

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº2, maio/agosto 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

KEYWORDS: Children's Literature. Fairy tales. Affective development. Child.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa surgiu com base nas observações vivenciadas no estágio não obrigatório na educação infantil do curso de Pedagogia da UNESC, em dois CEIS (Centro de Educação Infantil). Nesses espaços foi possível notar a falta da leitura e da contação de histórias em sala de aula, sendo que poucos livros eram contos de fadas.

Partindo dessas observações, desenvolveu-se a necessidade de pesquisar sobre os contos de fadas, tendo como problema desta pesquisa: como os contos de fadas podem contribuir para o desenvolvimento afetivo da criança? Logo, o objetivo geral é analisar a possível contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento afetivo da criança.

Além disso, a pesquisa tem como objetivos específicos: conceituar o conto de fadas; descrever o surgimento dos contos de fadas e identificar determinados conflitos abordados nos contos de fadas analisados. Para isso, foram escolhidos três contos de fadas em seus enredos originais, considerados como clássicos da literatura infantil: *Chapeuzinho Vermelho*, de Charles Perrault; *João e Maria*, dos Irmãos Grimm e *A Pequena Sereia* de, Hans Cristian Andersen.

É possível considerar que na educação infantil, muitos contos não são tão conhecidos pelas crianças, apesar de algumas vezes terem o contato em casa através da leitura feita pelos pais ou pelo cinema, televisão etc., no entanto, é preciso que a criança tenha esse contato com os livros tanto no ambiente familiar quanto no ambiente escolar.

Dessa forma, esta pesquisa possibilitará um olhar voltado para a importância da leitura e contação de histórias, principalmente dos contos de fadas. Para Abramovich (1997, p. 16), ouvir histórias “é o início da aprendizagem para ser um bom leitor e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão de mundo.” Além disso, é fundamental que a criança desde cedo tenha contato com os livros, pois poderá desenvolver o hábito da leitura, trazendo muitos aprendizados e experiências significativas, bem como a ampliação do seu repertório.

A seguir, pretende-se abordar sobre as possíveis contribuições dos contos de fadas no desenvolvimento afetivo, além de falar um pouco sobre a literatura voltada para as crianças, do surgimento dos contos, dos principais autores e da conceituação dos contos de fadas.

2 CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA & CONCEPÇÃO DE LITERATURA VOLTADA PARA AS CRIANÇAS

Antigamente, não se pensava em escrever histórias para as crianças, pois no período medieval (século XII) a concepção de infância não tinha sido definida ainda pelo simples fato de que não havia uma distinção entre a criança e o adulto. De acordo com Ariès (1981), as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Foi então a partir do século XIII que ocorreu a descoberta sociológica da infância.

Depois disso, no período entre os séculos XVII e XVIII, surgiu de forma escrita a literatura infantil destinada a desenvolver a imaginação e a curiosidade. Segundo Coelho (1987), foi na passagem da era clássica para a era romântica em que boa parte da antiga literatura destinada aos adultos foi transmitida pela tradição oral popular e transformada em uma literatura para as crianças.

Já a sua história vem de muitos antes, “ Na realidade, essa literatura já existia antes dele, sob duas formas: a de literatura pedagógica, na cultura erudita, de que são exemplos os textos dos jesuítas, e a de literatura oral, de vertente popular, no vasto domínio dos contos de advertência com ditos e provérbios. ” (CADEMARTORI, 1986, p. 40)

De acordo com Parreiras (2009), o desenvolvimento da literatura infantil no Brasil, aconteceu na década de setenta em que muitos escritores começaram a publicar suas obras tendo como herdeiro o patrono da literatura infantil brasileira Monteiro Lobato, quando lançou sua obra *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Além disso, Parreiras (2009) fala que a literatura infantil brasileira nasceu num momento favorável a uma literatura comprometida com o imaginário e o lúdico.

Surgem muitos questionamentos da literatura infantil, pois como diz Parreiras (2009, p. 23), “a literatura infantil é uma expressão de arte que merece cuidados e traz muitas dúvidas. ” A criança desde pequena depende do adulto para fazer a mediação da leitura, ou seja,

para ler e contar histórias. Além disso, a literatura infantil tem uma relação muito forte com o mercado editorial em que é um texto escrito para a criança e lido por ela, “porém, é escrito, empresariado, divulgado e comprado pelo adulto”. (CADEMARTORI, 1986, p.21)

Já a criança alfabetizada também precisa do adulto para aproximá-la do livro, tanto em casa na presença dos pais, avós, tios, irmãos, quanto na escola pelos professores. Mas será que as crianças gostam do que o adulto escreve ou dos livros que seleciona? Para Parreiras (2009), a criança precisa ter acesso a diversas obras, principalmente a leitura literária, que lhe abre um campo de questões e não um saber pronto.

3 SURGIMENTO DOS CONTOS DE FADAS E OS PRINCIPAIS AUTORES

Segundo Coelho (1987), a palavra fada vem do latim *fatum*, que possui muitos significados, entre eles, destino, fatalidade e oráculo. O imaginário sobre as fadas nasceu junto ao povo celta, como as primeiras mulheres sobrenaturais e mais tarde deram origem às fadas na literatura.

Fazem parte do folclore europeu ocidental (e dele emigraram para as Américas) e tornaram-se conhecidas como seres fantásticos ou imaginários, de grande beleza, que se apresentavam sob forma de mulher. Dotadas de virtudes e poderes sobrenaturais, interferem na vida dos homens., para auxiliá-los em situações- limite, quando já nenhuma solução natural seria possível. (COELHO, 1987, p. 31).

Já Parreiras (2009) afirma que as fadas nem sempre estão presentes nos contos, pois existem contos que envolvem reis, duendes, animais e pessoas. O que une esses contos são a fantasia e o encantamento.

Sobre o surgimento dos contos, Parreiras (2009) afirma que os contos de fadas estão presentes na literatura infantil desde o final do século XVII, em que eram considerados contos populares ou mitos da tradição oral, contados e recontados de diversas maneiras pelas pessoas. Ainda para a autora os contos de fadas surgiram há milhares de anos antes de Cristo, sendo histórias que nasceram da oralidade dos povos, passadas de geração em geração.

Além disso, Coelho (1987, p. 13) acrescenta que, “os contos de fadas são de origem celta e surgiram como poemas que revelavam amores estranhos, fatais e eternos.” No Brasil, surgiram no final do século XIX e eram conhecidos como contos da carochinha.

Parreiras (2009) relata que na França, no final do século XVII, através de Charles Perrault surgiram as narrativas populares conhecidas como folclóricas que eram contos para educar os filhos da corte apresentando uma espécie de ensinamentos nas histórias. Muitas das histórias recontadas por Perrault apresentavam alguns valores universais, como o ódio e a vingança. No início do século XIX, na Alemanha surgiram os Irmãos Grimm que trouxeram histórias ouvidas pelos camponeses.

Os Irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, foram estudiosos, pesquisadores, que em 1800 viajaram por toda a Alemanha conversando com o povo, levantando suas lendas e sua linguagem e recolhendo um farto material oral que transcreviam à noite... não pretendiam escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não se destinava a elas. (ABRAMOVICH, 1997, p. 123).

A literatura infantil teve muitos autores importantes que se destacaram durante os anos. Sobre isso Parreiras (2009) registra que em 2005 completou-se 200 anos do nascimento de Hans Christian Andersen que é considerado o criador da literatura infantil. Quando suas histórias começaram a ser divulgadas, a partir do século XIX, não havia teatro, livro ou apresentação musical voltada para as crianças, pois “as histórias eram sempre lidas, vistas e ouvidas por todos, fossem crianças, adolescentes, adultos ou idosos.” (PARREIRAS, 2009, p. 80). Ainda de acordo com Parreiras (2009), Andersen criou seus contos, histórias e novelas a partir de aspectos importantes para a vida das crianças e dos jovens, como as brincadeiras, os jogos e os sentimentos.

4 CONCEITUAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS

A literatura é composta por gêneros literários divididos em poesia (lírico), ficção (ficcional) e teatro (dramático). De acordo com Coelho (2006), a literatura infantil pertence ao gênero ficção, assim como o conto, a novela, o romance, a crônica e a fábula. Os textos ficcionais são, em sua maioria, narrativas ficcionais, ou seja, contam com a participação de um

narrador. Segundo Kayser (1970 *apud* COELHO, 2006, p. 67) “está desinência *or*, que encontramos em vocábulos como ator, condutor, impressor, etc., nos indicam que se trata de uma personagem que tem como função atuar, conduzir ou imprimir e, neste caso, narrar.”

Os contos de fadas junto do mito, da lenda e da parábola são caracterizados como formas simples de narrativas ficcionais,

determinadas narrativas que, há milênios, surgiram anonimamente e passaram a circular entre os povos da Antiguidade, transformando-se com o tempo no que hoje conhecemos como tradição popular. De terra em terra, de região a região, foram levadas por contadores de histórias, peregrinos, viajantes, povos emigrantes, etc., até que acabaram por ser absorvidas por diferentes povos, e atualmente, representam fator comum entre diferentes tradições folclóricas. (COELHO, 2006, p. 164).

Os contos de fadas são considerados um texto ficcional composto por fantasia e imaginação. Apresenta personagens, um narrador e enredo. Para Coelho (2006, p. 71), “o conto registra um momento significativo na vida da (s) personagem (ns).” Além disso, a autora afirma que o conto se desenvolve em torno de uma única ação ou situação, um conflito ou um acontecimento e se estrutura em poucas páginas. Estas duas últimas características são o que efetivamente diferenciam contos de romances.

Segundo Coelho (1987), o conto de fadas originou-se entre os Celtas, pela tradição oral passada de geração em geração. A diferença entre outros tipos de conto e o conto de fadas é que este é mais conhecido exatamente pela frequente presença das fadas. Coelho (2006) fala que a fada, apesar dos séculos e das mudanças de costumes, ocupa um lugar privilegiado, mantendo seu poder de atração sobre homens e crianças.

No Brasil, no final do século XIX, os contos de fadas eram conhecidos como *contos da carochinha* ou *contos de encantamento*. Atualmente, são definidos como conto de fadas. Coelho (1987) escreve que com ou sem a presença de fadas, os contos desenvolvem-se dentro da magia feérica, ou seja, com a presença de reis, rainhas, príncipes, princesas, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, entre outros elementos. Há também uma forte presença de castelos, bosques e da natureza.

São muitos os contos de fadas existentes, que nem sempre estiveram presentes nos livros, pois muitas histórias foram carregadas de sentimentos de cidade em cidade e conseqüentemente conquistaram seu espaço, como afirma Parreiras (2009, p. 79): “ como as Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº2, maio/agosto 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

histórias não têm fronteiras, elas foram ganhando o mundo. ” A autora ainda cita como é interessante perceber que os contos possuem semelhanças independentemente de serem de um país do Sul ou do Norte.

Para Parreiras (2009, p. 75), “os contos de fadas são narrativas estruturadas como um sonho: há uma linguagem condensada, carregada de simbolismo. Cada personagem e cada tema nos remetem a outras questões. Representam valores universais e atemporais.” A autora ainda comenta que: “uma história pode ser curta, mas pode provocar uma gama de sensações e traduzir inúmeros sentimentos. Por isso há uma condensação da linguagem: cada personagem, cada objeto, cada passagem quer dizer diversas coisas. ” (PARREIRAS, 2009, p. 75).

Já Abramovich (1997) ressalta que os contos de fadas são importantes pelo fato de lidarem com conteúdo da sabedoria popular e essenciais para a problematização de elementos centrais da condição humana, da própria existência do ser humano, tais como a morte, o amor, o envelhecimento, a separação; logo, os personagens frequentemente são arquétipos como o pai, a mãe, a madrasta etc.

Por fim, Abramovich (1997) expõe que as histórias dos contos se passam num lugar fora dos limites do tempo e do espaço, onde qualquer um pode caminhar, com personagens que vivem inúmeras situações diferentes e mesmo assim conseguem estabelecer um vínculo com o leitor, pois este é convidado a percorrer e achar junto uma resposta para o conflito dos contos.

5 CONTRIBUIÇÃO DOS CONTOS PARA O DESENVOLVIMENTO AFETIVO DA CRIANÇA

Como já foi citado, os contos de fada são narrativas passadas de geração em geração e ao longo dos anos foram ganhando cada vez mais admiradores, entre eles as crianças. Porém, de acordo com Bettelheim (1985), muitos pais e educadores consideravam os contos de fadas como irrealis, falsos e cheios de crueldade. Partindo desse pensamento, o autor discorda e diz que os contos para as crianças são o que há de mais real, é algo que lhes fala, do que é real dentro delas.

Nesse sentido é importante que desde pequenos as crianças tenham contato com a literatura e os livros, pois, segundo Parreiras (2009), a aproximação deve acontecer de forma

lúdica como a com os brinquedos: ver, tocar mãos e pés, levar à boca, explorar todos os seus sentidos, ou seja, a criança precisa sentir e gostar do livro. Além disso, “o livro é um objeto fabuloso, cheio de informações, de fantasias, de mistérios e imagens. É como um mundo novo, com experiências físicas (ver, tocar) e afetivas (imaginar, sentir).” (PARREIRAS, 2009, p. 28).

De acordo com a BNCC- Base Nacional Comum Curricular (2017), a criança desde muito cedo manifesta o interesse pela cultura escrita, “pois as experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo.” (BRASIL, 2017, p. 44).

Para Abramovich (1997) o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, seja pela mãe, pai ou dos avós. Além disso, a autora acrescenta que “ Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever do autor.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

O ouvir histórias é importante pois, “ pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). ” (ABRAMOVICH, 1997, p. 23). Dessa forma, através dos contos de fadas as crianças podem demonstrar muitos sentimentos, como a alegria, tristeza, paixão ou decepção. Além de também possibilitar a curiosidade e a imaginação. Bettelheim (1985, p. 13) destaca que:

Para que a estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer a sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Nesse sentido, os contos de fadas podem auxiliar as crianças na superação de alguns conflitos, inseguranças e medos, pois, de acordo com Parreiras (2009), os afetos presentes nos contos de fadas são formas imaginárias de representar o que se passa dentro das pessoas, como exemplo, os conflitos em que os contos muitas vezes ajudam o leitor a lidar melhor com isso.

Além disso, “a exploração da leitura de contos de fadas costuma tocar nos nossos afetos, nas nossas emoções e formas de nos relacionar com as pessoas.” (PARREIRAS, 2009, p. 84).

O desenvolvimento infantil na concepção de Wallon, como afirma Galvão (2013), é um processo marcado por conflitos, tanto de origem exógena, ou seja, conflitos externos, quanto de origem endógena, conflitos internos. A autora ainda afirma que as emoções, os sentimentos e os desejos são manifestações da vida afetiva das crianças.

Além disso, Wallon (1995) fala que a emoção esboça o pensamento, desencadeando a distinção entre o eu e os outros e que “as emoções consistem essencialmente em sistemas de atitudes que respondem a uma determinada espécie de situação.” (WALLON, 1995, p. 140).

Já para Vygotsky (2012, p. 39) “toda a construção da fantasia, inversamente, influencia os nossos sentimentos e, no caso de esta construção, por si só, não corresponder à realidade, todos os sentimentos por ela desencadeados são reais, vividos verdadeiramente e integrados pelo homem que os sente.”

Para Bettelheim (1985) a maior contribuição dos contos de fadas é em termos emocionais envolvendo quatro tarefas essenciais, que são: a fantasia, o escape, a recuperação e o consolo. Muitos contos trazem situações tanto negativas quanto positivas vivenciadas pelas crianças, como o medo, o abandono, a rejeição, a generosidade, o amor, a bondade e etc.; “à literatura não acolhe apenas o belo e o singelo, mas também trata de explorar a estética do que é feio, do que é terrível.” (PARREIRAS, 2009, p. 37).

Ao se envolver com as histórias, a criança pode se identificar com os personagens misturando realidade e fantasia, sentindo alegrias ou angústias. Para Parreiras (2009), a presença de uma bruxa, de um pássaro ou de outro personagem mágico, pode representar, no conto de fadas, uma porção de sentimentos. O personagem funciona como um modelo de coragem ou de medo para a criança. Portanto, Bettelheim (1985) faz a seguinte consideração: os contos de fada proporcionam a descoberta da identidade e de experiências necessárias para desenvolver ainda mais o caráter das crianças. Por fim, é importante destacar que os contos são ricos de elementos vivenciados pelas crianças ou não, que possibilitam o contato com o mundo imaginário transferindo para os personagens seus principais dramas.

6 PERRAULT, IRMÃOS GRIMM E ANDERSEN

Esta pesquisa é de caráter bibliográfico cuja base teórica são autores brasileiros e estrangeiros, tais como: Abramovich (1997), Bettelheim (1985), Coelho (1987) e Parreiras (2009).

A análise consiste em três contos de fada em seus enredos originais. Esses contos são conhecidos como clássicos da literatura infantil: *Chapeuzinho vermelho*, de Charles Perrault; *João e Maria*, dos Irmãos Grimm; e *A Pequena Sereia*, de Hans Christian Andersen.

O objetivo principal é analisar a possível contribuição desses contos de fada no desenvolvimento afetivo de crianças pequenas. Portanto, este trabalho, quanto aos objetivos, é de caráter exploratório, pois, como afirma Gil (2002), a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade com o problema, ou seja, o pesquisador consegue explorar melhor o problema e construir hipóteses a partir disso.

Charles Perrault nasceu em 1628 e morreu em 1703 aos 75 anos de idade em Paris. Ele começou a escrever histórias depois dos 60 anos de idade, em que além de *Chapeuzinho Vermelho* muitas histórias conhecidas até hoje foram escritas por ele, como *A Bela Adormecida*, *O Pequeno Polegar* e entre outras.

Segundo Coelho (1987), muitos dos contos de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm foram escritos a partir de histórias de tradição oral contadas pelos povos na idade média. O conto *Chapeuzinho vermelho*, na versão de Charles Perrault, foi escrito em francês em 1697, é um dos mais antigos e, talvez, um dos mais conhecidos até hoje. Além da versão de Perrault, temos também outras versões, como a dos próprios Irmãos Grimm em 1812; a recriação *Chapeuzinho amarelo*, de Chico Buarque e o reconto *Chapeuzinho Vermelho e outros contos*, de Rui de Oliveira, entre outros.

A versão de Charles Perrault foi adaptada pelos Irmãos Grimm; na versão de Perrault, o lobo devora a Chapeuzinho. Já na versão adaptada, dos Irmãos Grimm, ganhou um final feliz e trouxeram um novo personagem, o caçador.

O conto *Chapeuzinho vermelho* tem como personagens: Chapeuzinho, que é caracterizada por uma menina de capuz vermelho, como o título do conto já diz, sua mãe, a avó

de chapeuzinho e o lobo. Nesta pesquisa é analisada a versão de Perrault e suas possíveis contribuições no desenvolvimento afetivo da criança.

A história começa contando que a avó fez uma capinha vermelha com chapéu para a neta, por isso deu-se esse nome para ela. Um dia a mãe da menina pediu para ela ir até a casa de sua avó, pois estava doente. No caminho para a casa da avó, a menina passava por uma floresta e se deparou com um lobo. O lobo não devorou a menina porque havia muitos lenhadores na floresta, então ele resolveu perguntar aonde a menina ia e onde ficava a casa da vovó. Chegando à casa da vovó, o lobo engole rapidamente a vovó e deita na sua cama esperando Chapeuzinho chegar. Quando ela chega, o lobo pede para ela deitar na cama, não demorando muito ele devora a menina.

Pelo fato de a história ter um final drástico não é comum os professores a utilizarem em suas aulas. Optam por utilizar a versão dos Irmãos Grimm, pois, além do final ser feliz, tem a presença do caçador, que salva a Chapeuzinho e sua avó, dando esperanças de um desfecho feliz para esse conto. Na versão de Perrault o caçador não aparece para salvar a Chapeuzinho, que se torna uma vítima do lobo, pois além de enganá-la, consegue devorá-la no final.

Minha avó que braços grandes você tem! – É para abraçar você melhor, minha neta. Minha avó, que pernas grandes você tem! – É para correr melhor, minha filha. Minha avó, que orelhas grandes você tem! – É para escutar melhor, minha filha. Minha avó que olhos grandes você tem! – É para enxergar você melhor, minha filha. Minha avó, que dentes grandes você tem! – É para comer você. (MACHADO, 2010, p. 81).

O conto de fadas tem características tanto boas quanto ruins, pois nem todos os contos são “cor de rosa” e terminam com um final feliz. De acordo com Parreiras (2009), os contos de fada podem trazer alegrias, tristezas, decepções, paixões, etc.

Além disso, esse conto não tem a presença das fadas, mas sim do lobo, um lobo que fala. Aqui temos um exemplo de personificação, pois a característica da fala não é comum dos animais e sim do ser humano, em que devido a esse universo mágico da imaginação tudo é possível. Parreiras (2009) afirma que muitas vezes o personagem é um modelo para a criança. “Por exemplo, o lobo pode ser um elemento que represente a agressividade e como não é comum as pessoas gostarem de ser agredidas, surge o sentimento geral de medo ou raiva do lobo.” (PARREIRAS, 2009, p. 80).

De fato, quando os professores contam a história para as crianças, na maioria das vezes, e principalmente na educação infantil elas sentem medo e raiva desse lobo, pois não querem que o lobo devore a Chapeuzinho. Isso também acontece frequentemente com as bruxas.

Sobre isso, Abramovich (1997, p.125) acrescenta que o medo está presente no cotidiano de todos, como o medo do escuro, de injeção, de cachorro, de lobisomens, de ladrão, de dentista, de ser reprovado na escola, enfim, são muitos medos que todos nós temos. E por mais que seja difícil conviver com eles, de um jeito ou de outro conseguimos enfrentar, superar e aprendemos a conviver ou lidar com nossos medos.

Quanto aos conflitos presentes nos contos, em *Chapeuzinho Vermelho* é possível perceber a presença de alguns elementos como a solidão. A menina vai até a casa de sua avó sozinha pela floresta escolhendo o caminho mais longo para chegar até lá. É importante destacar que, hoje em dia, não podemos deixar nenhuma criança sozinha porque a lei não permite, pois, a criança pode correr muitos riscos. Ao conversar com o lobo, uma criatura estranha, Chapeuzinho se colocou em perigo.

Outro elemento é a morte da Chapeuzinho provocada pelo lobo que em diversas histórias tem o mesmo desfecho. Como já foi citado, os contos de fadas também podem ser tristes, pois vivemos de momentos felizes e de momentos tristes. Talvez trabalhando com a essa versão, os professores podem abordar diversos assuntos com seus alunos e momentos que todas as pessoas podem passar.

Segundo Abramovich (1997, p. 111), a morte ainda é um tema pouco explorado, pois é

como se as pessoas temessem tocar nele, como se a morte não fizesse parte da vida, como se a criança não se defrontasse com ela... não diretamente, mas ao nível do que acontece no mundo, ela é informada o tempo todo: de que, há guerras, bombardeios, epidemias disto ou daquilo, acidentes, atentados terroristas neste avião ou naquela cidade, tiroteios com a polícia, falecimento desta ou daquela celebridade, deste ou daquele vizinho.

A autora ainda completa que “é fundamental discutir com a criança, de modo verdadeiro, honesto, aberto, como isso acontece e como poderia acontecer... Compreender a morte como um fechamento natural dum ciclo.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 114).

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº2, maio/agosto 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

Jacob Grimm e Wilhelm Grimm conhecidos como os Irmãos Grimm nasceram em Hanau cidade da Alemanha em 1785 e 1786. Eles começaram a graduação em Direito mas devido a dedicação pela literatura deixaram a advocacia de lado. Começaram a escrever os contos por meio das histórias que escutavam dos camponeses, amigos e parentes. Geralmente, suas histórias são compostas por bruxas, dragões, monstros e outras criações folclóricas.

Outro clássico da literatura infantil é o conto *João e Maria*, escrito pelos Irmãos Grimm, em 1812, inicialmente em alemão. Assim, como *Chapeuzinho vermelho*, *João e Maria* teve modificações ao longo dos tempos por meio das adaptações. Nesta pesquisa será analisada a versão original dos irmãos Grimm.

A história é sobre dois irmãos que vivem com seu pai e a madrasta em uma casa e como estavam passando por necessidades, resolveram abandonar os irmãos na floresta. Depois de serem mandados para a floresta, os irmãos se perdem, mas João consegue achar o caminho de volta para casa. Na segunda tentativa de serem abandonados, João jogava migalhas de pão para poderem voltar para a casa, mas os pássaros comeram todas as migalhas do chão. Como estavam perdidos e famintos, resolveram continuar caminhando até que encontraram uma casa de doce, que era da bruxa, a bruxa lhes deixou entrar com a intenção de devorá-los.

Passou alguns dias a bruxa queria colocar Maria no forno, mas a menina foi mais rápida e conseguiu colocar a bruxa dentro do forno e depois fugiu dali com o João levando os tesouros e as joias preciosas da bruxa, até retornarem para a casa novamente onde encontraram apenas o pai, pois a madrasta havia morrido.

De acordo com Bettelheim (1985, p. 195), “o conto de fadas expressa em palavras e ações as coisas que se passam nas mentes infantis.” Em *João e Maria*, os irmãos acreditavam que os pais queriam abandoná-los, pois “projetando a ansiedade interna sobre aqueles que as ameaçam de deserção, João e Maria estão convencidos de que os pais planejam deixá-los morrer de fome.” (BETTELHEIM, 1985, p. 195).

Apesar disso, os irmãos sabem que precisam dos pais para sobreviverem mesmo vivendo nessa situação precária, por isso retornam para a casa depois de abandonados. Porém, quando eles voltam para a casa as frustrações são as mesmas e a madrasta ainda teme em abandoná-los mais uma vez.

Os irmãos vivem problemas de carência, pobreza, abandono e afetividade, sendo esses os principais conflitos desta história. Para Abramovich (1997), a casa da Bruxa simboliza a fartura, pois os irmãos estavam famintos e precisavam encontrar alguém no meio daquela floresta, então é só chegando à casa da Bruxa que encontram a solução para os seus conflitos e dúvidas.

Já para Bettelheim (1985), a casa da bruxa é uma imagem inesquecível e encantadora, mas corremos riscos se cedemos à tentação. Além disso, “o conto de fadas é a cartilha onde a criança aprende a ler sua mente na linguagem das imagens.” (BETTELHEIM, 1985, p. 197).

Sobre essa dimensão real causada pela narrativa, Vygotsky (2012) fala sobre uma criança que vê uma sombra e a confunde com um ladrão: “ a imagem do ladrão criada pela fantasia da criança não é real, mas o medo que a criança sente, o seu susto, são de fato impressões reais para a criança. ” (VYGOTSKY, 2012, p. 39)

Além disso, Abramovich (1997) acrescenta que:

é ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve [...]. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Para Parreiras (2009, p. 75), “a casa de doces da bruxa da história de João e Maria, dos irmãos Grimm, pode representar o mundo novo, a voracidade, a fome, a saciação da fome. Pode ser ainda o encantamento, a falsidade, a beleza, a sedução, a aparência, a oralidade da criança, a ganância, o excesso. ”

Diferentemente de Chapeuzinho, que foi devorada pelo lobo, em *João e Maria* a Bruxa apenas planejou devorá-los. Inicialmente, a Bruxa se mostra uma pessoa boa, como diz no conto:

Pegou-os pela mão e levou-os para dentro da casinha. Aí serviu-lhes uma deliciosa refeição, composta de leite e bolinhos, maçãs e nozes; depois foram preparadas para eles duas lindas caminhas, muito limpas e alvas; Joãozinho e Maria, muito cansados, deitaram-se, julgando estar no céu. A velha fingia ser muito boa, mas na verdade era uma bruxa muito má, que atraía as crianças. (MACHADO, 2010 p. 169).

Sobre isso, Bettelheim (1985, p. 199) afirma que:

As intenções malvadas da bruxa finalmente forçam as crianças a reconhecer os perigos da voracidade oral descontrolada e da dependência. Para sobreviver, devem desenvolver a iniciativa e perceber que seu único recurso está na ação e no planejamento inteligente. O comportamento dirigido a uma meta e baseado numa avaliação inteligente da situação em que se encontram deve tomar o lugar das fantasias de realização de desejos: a substituição do dedo pelo osso, e o truque para fazer a feiticeira entrar no fogão.

Nessa história, diante dos acontecimentos de abandono e até da própria solidão enfrentados pelos irmãos, no final conseguem um final feliz junto do pai. A diferença entre a solidão vivida por Chapeuzinho e a dos dois irmãos é que apesar de estarem sozinhos sem a presença dos pais ou de algum adulto, eles tinham um ao outro e Chapeuzinho estava realmente sozinha na floresta. *João e Maria* é um conto que traz dois irmãos se ajudando para conseguirem alcançar a felicidade tão esperada.

Segundo Bettelheim (1985, p. 201), “estas estórias orientam a criança no sentido de transcender sua dependência imatura dos pais e alcançar os níveis seguintes e mais altos do desenvolvimento: valorizando o apoio dos companheiros de idade.” É importante, até mesmo na escola em sala de aula, em que a criança aprende a conviver com seus colegas, com o jeito de ser de cada um ou até mesmo em atividades trabalhadas em grupo ou nas brincadeiras, esse espírito de cooperação é essencial para se desenvolverem juntos dos pares, criando laços de amizade.

De acordo com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BRASIL, 2017, p. 37).

Outro aspecto importante é que a criança em idade escolar não se imagina sem os pais, talvez seja por isso que demoram a se acostumar na creche ou em uma escola nova. Ali é um mundo novo para eles, cheio de descobertas e mesmo tendo seus medos as crianças precisam aprender a enfrenta-los e confiar que dominarão os perigos do mundo.

Por fim, Bettelheim (1985) diz que o conto de João e Maria encoraja a criança a explorar por sua conta as invenções de sua imaginação, transmitindo a confiança de controlar os perigos reais e seus medos. A bruxa presente no conto, por exemplo, causa medo nas crianças, pois na sua imaginação ela é malvada. Mas será então que não existem bruxas boas, que fazem o bem? Ou será que não existem crianças que preferem as bruxas ao invés das princesas? Para Parreiras (2009), um personagem pode dizer muita coisa para a criança, pode representar tanto coisas boas quanto coisas ruins ao mesmo tempo.

Além de Charles Perrault e os Irmãos Grimm, Hans Christian Andersen também foi um escritor de contos de fadas. Andersen nasceu dia 02 de abril de 1805 e faleceu em 04 de agosto de 1875. Ele é considerado o criador da literatura infantil, logo, em sua homenagem, o dia internacional da literatura infantil é comemorado no dia do seu aniversário, 02 de abril. Apesar de ter vivido uma infância difícil, conseguiu se destacar com seus contos, a maioria histórias autorais escritas por ele.

Para Parreiras (2009), o que distingue Andersen de outros escritores é que ele viveu intensamente a experiência da pobreza e ao longo dos anos buscou o caminho profissional, sendo conhecido internacionalmente como o mestre dos contos de fadas. “Por isso, a importância de sua obra e a atualidade dos conteúdos abordados em suas histórias, cujos valores são estruturantes para a formação dos pequenos.” (PARREIRAS, 2009, p. 82).

Muitos contos de Andersen são clássicos da literatura como *A Pequena Sereia*. Andersen escreveu o conto *A Pequena Sereia* em 1837, em dinamarquês. Os personagens desse conto, além da Pequena Sereia, são o rei Tritão, pai da sereia; suas cinco irmãs, a avó que criou as meninas, a bruxa e o príncipe.

O enredo original do conto da Pequena Sereia narra a história de uma jovem sereia que era apaixonada por um príncipe. Para conseguir virar humana procura a bruxa para que ela possa dar uma poção mágica. Porém, a Pequena Sereia perde sua fala e as pernas novas. A bruxa fez um acordo com a sereia para que o encantamento fosse permanente: a sereia deveria conquistar o amor do príncipe se não ela morreria. O príncipe acaba se apaixonando por outra moça, pois acreditava que teria sido essa moça que o salvou de um acidente. Para que a sereia volte para o mar e seja novamente uma sereia teria que matar o príncipe e deixar que o sangue

caísse sobre os seus pés, só que como a sereia fica com pena do príncipe e não consegue matá-lo, então se joga no mar e vira espuma do mar.

Esse conto mostra um final supostamente triste, pois a sereia não conquista o amor verdadeiro do príncipe, como é comum em muitos contos de fadas: as princesas se casarem e viverem felizes para sempre. Porém, esse final é transformado em algo mágico em que a sereia se une às filhas do ar e acaba ficando invisível.

E logo o sol começou a subir do mar. Seus raios cálidos e suaves caíram sobre a espuma fria como a morte, mas a Pequena Sereia não tinha a sensação de estar morrendo. Ela viu o sol esplendoroso e, pairando ao seu redor, centenas de criaturas adoráveis – podia perfeitamente, através delas, ver as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. E a voz delas era a voz da melodia, embora etérea demais para ser ouvida por ouvidos mortais, assim como nenhum olho mortal poderia contemplá-las. Não tinham asas, mas sua leveza as fazia flutuar no ar. A Pequena Sereia viu que tinha um corpo como o delas e que estava se elevando cada vez mais acima da espuma. (MACHADO, 2010, p. 244).

Além disso, o conto fala que a sereia não poderia ter uma vida imortal se não conquistasse o amor verdadeiro de um príncipe. Já as filhas do ar não possuem uma alma eterna, mas podem conquistar através de boas ações praticadas por elas.

Devemos voar para os países quentes, onde o ar pestilento significa morte para os seres humanos. Devemos levar brisas frescas. Devemos espalhar a fragrância das flores através do ar e enviar consolo e cura. Depois que tivermos praticado todo o bem que podemos em trezentos anos, conquistaremos uma alma imortal e teremos participação na felicidade eterna da humanidade. (MACHADO, 2010, p. 245).

Nesta história há a presença de uma bruxa como em *João e Maria*. Porém, a bruxa não tenta devorar a sereia como acontece no conto dos irmãos; aqui ela representa uma feiticeira com poderes mágicos e consegue fazer tudo que quiser. Uma das coisas que a feiticeira fez foi cortar a língua da sereia que não poderia mais falar e nem cantar, assim ficando muda em troca de uma poção mágica que transformou a cauda da sereia em pernas humanas.

Um dos conflitos presentes no conto é que, para virar uma humana a sereia teria que conquistar o amor do príncipe trazendo a mudança de não querer mais ser aquela pessoa. Porém, o que une esse desejo de mudança é o amor, sim o amor que a sereia sentia pelo príncipe. O amor é um sentimento que está frequentemente presente nos contos de fadas, todos os tipos

de amor. Aqui, em específico, é o amor da sereia pelo príncipe. Apesar de ter que matar o príncipe para não morrer, no fim a sereia não consegue fazer isso por causa desse amor que sentia por ele.

Abramovich (1997) fala que a sereia vive, cresce, descobre as dores, o sofrimento, o peso das escolhas, a morte que um grande amor pode causar, tudo vivido intensamente por ela e seu imenso amor pelo príncipe.

Parreiras (2009) afirma que através da leitura de contos, os professores podem discutir com os alunos sobre temas universais abordados nas histórias, como, por exemplo: a inveja, os desejos, o poder, o medo, a morte, a solidão e o amor. Além disso, Parreiras (2009) acrescenta que os contos podem narrar a transformação de vida dos personagens como acontece em *A Pequena Sereia*, que deixou de ser sereia para virar humana, tendo pernas em vez de cauda.

Por fim, neste conto o amor abordado por Andersen é um amor triste e doloroso, pois por amor a sereia teve que cortar sua cauda para transformá-la em pernas, teve que perder sua voz e seu canto para conseguir ficar perto do príncipe. Porém, mesmo tendo tantos desafios, a sereia não deixou de fazê-los, de ir em busca dos seus sonhos, mostrando ser forte, ou seja, o que importa é tentar.

7 CONCLUSÃO

Buscamos analisar a possível contribuição dos contos de fadas no desenvolvimento afetivo da criança. Para isso foram utilizados três contos: *Chapeuzinho vermelho*, de Charles Perrault; *João e Maria*, dos irmãos Grimm e *A Pequena Sereia*, de Hans Cristian Andersen. O artigo apresentou, portanto, elementos importantes para a formação e desenvolvimento afetivo das crianças.

Por meio do que foi citado pelos autores, podemos perceber que os contos possibilitam muitas contribuições aos seus leitores e também aos professores ao trabalharem com este tipo de narrativa em suas aulas. Além de desenvolverem a imaginação, os contos funcionam como um auxílio na superação de conflitos, medos ou inseguranças presentes nas crianças que muitas vezes se enxergam nos próprios personagens.

Os três contos apresentam determinados conflitos humanos característicos dos contos de fadas, como o medo, a morte, a solidão, o amor. Esses conflitos são tanto negativos quando positivos, pois, como já citado, os contos podem ser tristes ou felizes e têm uma função terapêutica para as crianças. Além disso, os contos também abordam as relações afetivas, em que desde quando a criança nasce já se relaciona com o mundo e com as pessoas. Por isso, a importância de trabalhar as formas de se relacionar, seja com os pais, colegas, professores e até mesmo com a sociedade em que vive.

É de extrema importância trabalhar em sala de aula assuntos da realidade dos alunos, pois muito do que é abordado nos contos pode ou poderá ser vivido por eles. Ao trabalhar com os contos de fadas em suas aulas o professor não tem o objetivo simplesmente de ensinar algo, um valor, mas sim problematizar determinados temas, por isso o seu papel é fundamental.

Portanto, esta pesquisa possibilitou um olhar voltado para a importância da literatura, mais especificamente os contos de fadas, como uma forma de leitura a ser trabalhada na educação infantil. É importante que o leitor estabeleça um vínculo com as histórias e os personagens a fim de desvendar conflitos juntos e embarcar no mundo da imaginação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÈS, Philippe; FLAKSMAN, Dora. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC Versão Final**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>; Acesso em: 13/10/2019.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 4, nº2, maio/agosto 2020.– Curso de Pedagogia– UNESC

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

GALVÃO, Isabel. **Henri Wallon:** uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de fadas: de Perrault, Grimm, Andersen & outro.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

PARREIRAS, Ninfa de Freitas. **Confusão de línguas na literatura:** o que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Imaginação e criatividade na infância. Ensaio de Psicologia.** De João Pedro Fróis. Lisboa: Dinalivro, 2012.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** Lisboa: Edições 70, 1995.